

EPISTEMOLOGÍA E HISTORIA DE LA CIENCIA

SELECCIÓN DE TRABAJOS DE LAS XVIII JORNADAS

VOLUMEN 14 (2008)

Horacio Faas
Hernán Severgnini

Editores



ÁREA LOGICO-EPISTEMOLÓGICA DE LA ESCUELA DE FILOSOFÍA
CENTRO DE INVESTIGACIONES DE LA FACULTAD DE FILOSOFÍA Y HUMANIDADES
UNIVERSIDAD NACIONAL DE CÓRDOBA



Esta obra está bajo una Licencia Creative Commons atribución NoComercial-SinDerivadas 2.5 Argentina



Fim do mundo, propaganda pró-Restauração e anti-catolicismo nos escritos astrológicos ingleses na década de 1650

*Juliana Mesquita Hidalgo Ferreira**

Considerações iniciais

Analisando os almanaques astrológicos¹ ingleses da década de 1640 nota-se que vários autores, como o astrólogo John Booker, estavam preocupados com a proximidade do fim do mundo, para eles sinalizada por eventos astrológicos. Este tema, juntamente com os ataques ao catolicismo, era, aliás, freqüente nos escritos dessa época.

A guerra civil não foi um mero embate político, mas também fundamentalmente religioso. Isso transparecia nas críticas de Booker e outros autores como William Lilly, que viam a guerra como uma questão religiosa. Além disso, toda a conturbada situação parecia proporcionar um ambiente bastante propício para que preocupações com o fim do mundo viessem à tona ou simplesmente tivessem apelo popular. Nota-se que essas inquietações não diminuíram, mas se manifestavam com toda força também na década de 1650, já que o fim da monarquia não parece ter resultado em circunstâncias mais serenas. Os ataques ao catolicismo e as especulações escatológicas partiam tanto dos autores que durante a guerra civil haviam apoiado a causa realista, quanto dos que haviam se engajado a favor do Parlamento. Este trabalho procura mostrar como essas questões se articularam especificamente à propaganda pró-Restauração nesse período.

O fim do mundo segundo John Vaux

O almanaque astrológico de John Vaux, para 1653 trazia a previsão de proximidade do fim do mundo baseada na interpretação de profecias e trechos bíblicos. Não era a primeira vez que Vaux expunha esse tipo de idéia. Já na década anterior elas estavam presentes em suas publicações.² Ele também não era o único a fazê-lo, já que muitos autores manifestavam essa preocupação e também julgavam que o fim do mundo estava próximo

Os almanaques Dove para 1653 e 1654 registraram a mesma inquietude. As configurações astrológicas mostravam efeitos que preconizavam a proximidade do fim do mundo. Não deveriam ser estranhados efeitos maléficos como guerras, o surgimento de seitas e heresias, e outras calamidades. Isso era normal e previsível até que Jesus Cristo viesse “para a destruição de todos os inimigos de sua Igreja” (Dove, 1653, p. [40]). A previsão de fim do mundo, reforçada nas duas edições do almanaque, seria para algo próximo a 1655, quando os efeitos do cometa de 1618 chegariam ao fim.

Esse prognóstico era comum na época. Dove aludia a argumentos astrológicos e interpretações bíblicas. John Vaux concordava com a data, fundamentando a previsão em trechos bíblicos. O fim do mundo seria próximo a 1656, já que de Adão ao dilúvio teriam se passado 1656 anos, e desse episódio ao fim do mundo, segundo a interpretação de Vaux para os trechos bíblicos, um período equivalente deveria se passar (Vaux, 1653, pp. [20-1]).

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Brasil

Arrependimento = Restauração? O velho versus o novo

Trechos bíblicos, uma citação de Plínio e um pequeno poema faziam parte da folha de rosto que abria a segunda parte do almanaque de Vaux para 1653, dedicada a um “Prognóstico [...] de acordo com as sagradas Escrituras [...]”.

Repent ye, for the Kingdom of Heaven is at hand.
Matth. 3. 2.

Thus saith the Lord, stand in the waies and see, and
ask for the old pathes, where is the good way, and
walk therein, and ye shall find rest for your Soules.
Jer. 6. 16.

Est natura hominum novitatis avida, Plinius.
The nature of all men is such,
That novelties delight them much:
Thus new things are in most request,
Yet new things are not always best.

Curiosamente, esses trechos citados não são explicitamente comentados no almanaque. Também não há qualquer outro tipo de comentário que enfoque as mesmas questões aludidas nos poemas. Esses, no entanto, podem ter um sentido conotativo bastante peculiar.

No primeiro poema há uma clara oposição entre algo *velho e melhor*, e algo *novo e pior*. As pessoas deveriam se arrepender, abandonar o novo e voltar ao velho, o caminho da salvação. Já no segundo poema, fica claro que a busca incessante pelas novidades era algo normal, inerente à natureza humana. Essas novidades nem sempre representavam a melhor opção, podia ser que o habitual o fosse. E essa inquietação humana era como uma fraqueza a ser reconhecida e contornada. Um poema, portanto, reforça e complementa o sentido do outro.

Nota-se que, ao observarem o comportamento das pessoas da época, tanto o astrólogo William Lilly, mesmo tendo sido defensor da causa do Parlamento, quanto John Vaux, que então aparentemente atuava pelo grupo contrário, reconheciam, e com preocupação, a existência dessa avidez por mudanças. Apesar de expor uma justificativa astrológica para aquela atitude, pode-se perceber que Lilly deixava transparecer, tal como Vaux, que isso era também algo de certo modo reprovável e inerente à natureza humana. Ficava claro por suas palavras que a insatisfação sempre existiria: “Nem Rei, ou Parlamento, ou Exército, ou Presbítero, ou Independente irá nos agradar por muito tempo [...]” (Lilly, 1652, p. [5]).

Voltando aos poemas citados por Vaux, dadas as peculiares condições da época e outros aspectos do almanaque que parecem sugerir apoio aos realistas, é bem plausível que as composições façam referência à nova forma de governo, o chamado *State Government*, isto é, a “novidade” em oposição à “velha” e preferível monarquia.

Há ainda um pequeno poema, citado no almanaque, relativamente próximo aos trechos anteriores, que pode sugerir isso.

If ye love God, or fear ye Hels damnation,
O then repent, defer the time no more,
Here in this life you may obtain salvation,

Now seek, O seek for heavenly joys therefore.
After that Death thy Soul away hath taken,
None can repent, the time is then to late;
Duly therefore let sin away be shaken,
Remove thy self from wicked sinners state.
Each day or night, yea none the time doth know
When Christ our Judge in Judgement seat will [?]
Ever do think thou hear'st his Trumpet blow,
Surely the time is even now at hand (Vaux, 1653, [p. 39], grifo meu).

Esse poema sugere que as pessoas se arrependam, mudem de comportamento ou deixem de praticar atos inadequados que têm praticado, e insiste na urgência para que isso fosse feito. O trecho sublinhado pode ser referir a essa condição pessoal de cada um. Porém, inclusive pela proximidade em relação aos dois outros poemas, bem que poderia se referir ao governo então em curso. A palavra “State”, neste caso não se referiria a um *estado* individual, particular, mas sim ao “State Government”.

Ao que tudo indica, Vaux desejava a volta do governo monárquico e não estava de acordo com as circunstâncias políticas daquele momento. Era necessário reverter especificamente aquela situação antes do fim do mundo. Esse tipo de preocupação pode ser notada de modo explícito em outras publicações da segunda metade do século XVII, o que reforça a interpretação de existência de forte conotação política implícita nesses trechos do almanaque de Vaux.

O fim do mundo e o necessário arrependimento-Restauração segundo Arise Evans

No panfleto intitulado *A voice from heaven to the common-wealth of England*, escrito em 1651, o galês Arise Evans tratou especialmente daquele mesmo assunto em tom profético: era necessário reverter a situação política antes do fim do mundo. Evans se dizia escolhido por Deus para enviar uma importante mensagem de alerta aos homens, e “especialmente para aqueles que estão na Casa do Parlamento” (Evans, *A voice from heaven*, To the Reader).

Seu panfleto, fundamentado exaustivamente, quase parágrafo por parágrafo, em citações bíblicas procurava demonstrar que o fim do mundo estava próximo. Essa proximidade estava sinalizada pela confirmação de eventos profetizados: a vinda de Charles I (ocorrência representada pelo sétimo Anjo), enviado de Deus, e seu martírio. Sinais astrológicos, cuja previsibilidade Evans procurou demonstrar por trechos bíblicos, indicavam isso (Evans, *A voice from heaven*, pp. 7-8).

Ao contrário do simbolismo usado por Vaux, a mensagem de Evans era contundente e repetida insistentemente. Uma reparação imediata se fazia necessária, pois caso contrário a Inglaterra pagaria por isso. Cromwell precisava se dar conta dessa situação e deixar o governo, e o Parlamento deveria elevar o Príncipe Charles Stuart, filho de Charles I, à sua posição de direito (Evans, *A voice from heaven*, p. I).

Durante a década de 1650, Evans continuaria defendendo essas idéias. A volta da monarquia e essa “restauração de direitos” era, para ele, uma condição necessária para que a Inglaterra não sofresse penosamente: “[...] não podemos continuar por muito tempo se nós não tivermos um Rei” (Evans, *Rule from Heaven*, pp. 24-25).

Evans escreveu o panfleto *Rule from Heaven* em 1659, às vésperas da Restauração, e naquele contexto, não era grave expor abertamente aquelas idéias. Outros autores, como John

Blagrave, expuseram a expectativa pela volta da monarquia já na folha de rosto das suas publicações: “*Blagrave’s Ephemeris for the Year 1659, [...] Predictions of a great Monarchy now rising, who shall, before seven years are expired, wholly subdue Antichrist, and extend his Dominions into the most considerable places of the World*”.³ Citações bíblicas e configurações astrológicas que se orquestravam harmonicamente mostravam que esta seria a mais importante monarquia de todos os tempos (Blagrave, *Blagrave’s ephemeris*, p. [1]). Esse clima de empolgação na defesa da monarquia era comum em publicações próximas do final da década de 1650.

Já no início da década, no entanto, a atitude evasiva de Vaux parecia justificável. O próprio Evans, no panfleto anterior, em 1651, deixava transparecer que havia motivos para temer a repercussão de ser explícito e já procurava se defender. Numa época em que a adesão ao *Engagement* era compulsória, ele ressaltava que sua intenção era cumprir com o que exigia aquele decreto: ser leal a *Commonwealth*. Não estava tramando contra o governo, mas estava a favor da Inglaterra (Evans, *A voice from heaven*, p. 1).

Nota-se que as palavras de Evans eram, no entanto, bastante duras, e talvez exageradas, caso sua intenção fosse apenas agir nesse sentido. Ele foi explícito em suas considerações e condenou abertamente ações do Parlamento contra bispos e catedrais. Explicitamente pôs em cheque a autoridade daquele governo usando termos muito significativos do ponto de vista de um leitor do século XVII. Assinalou, por exemplo, que a autoridade daquele governo não vinha de Deus, mas sim do Diabo, por terem julgado, condenado e assassinado um Rei (Evans, *A voice from heaven*, p. 37).

A polêmica gerada pela morte de Charles I, de fato, invadiu as publicações da época. Houve quem condenasse tal ato, assim como quem tentasse justificá-lo. No ano de 1652, o astrólogo William Lilly, defensor da causa do Parlamento, incluiu em seu almanaque um item especial: a figura astrológica para o nascimento de Charles I, a quem sugestivamente denominou “*Anglorum Rex ultimus*” (Lilly, 1652, p. [94]). Essa expressão, como ressaltou o almanaque, indicava que o país nunca mais seria uma monarquia (Lilly, 1652, p. [3]).

Lilly parecia interessado em expressar comentários então oportunos tendo em vista sua atitude partidária ao novo governo e a polêmica gerada pela execução do Rei. Em publicações da época, não foi incomum a atitude de Evans, que manifestou indignação pela morte do Rei, deixando claro que considerava o julgamento e execução de Charles como atitudes humanas imperdoáveis.

Lilly já havia tentado justificar aquele ato no seu livro *Monarchy, or no Monarchy*, publicado um ano antes do referido almanaque, mas ainda se mostrava preocupado em legitimar a execução do rei. Havia motivos para tal comportamento, já que a execução não foi aprovada por muitos, inclusive por algumas pessoas que davam suporte ao novo governo. Recorrendo à natividade de Charles I, Lilly argumentou que as derrotas do Rei podiam ser previstas astrológicamente, mas as circunstâncias de sua morte não. Em vista disso, procurou ressaltar que o fato de a natureza desse evento não poder ser prevista, indicava que Deus diretamente havia atuado nessa ocasião (Lilly, 1652, p. [94]).

Lilly isentava de culpa aqueles que o haviam julgado, condenado e executado. Eles não haviam escolhido ou praticado por vontade própria aquela ação, mas sim Deus havia sido responsável por aqueles acontecimentos.

Há, no entanto, nesse mesmo almanaque, indícios de que para o Parlamento teria *agido* com ousadia, e não simplesmente *servido como instrumental* (Lilly, 1652, p. [1]). Se Lilly considerava que o Parlamento era responsável por aqueles acontecimentos, e por vezes expressava a situação de outro modo a fim de conseguir apoio é difícil dizer. De qualquer forma, nota-se que, ao contrário de Evans, Lilly não teria ficado chocado pela morte do Rei, nem lamentava pelo fim da monarquia. Pelo contrário, ainda na carta ao leitor do almanaque, expressou sem pesares sua certeza de que a monarquia não tinha volta.

Arise Evans criticou essa interpretação apresentada por Lilly, no seu livro *Monarchy or no Monarchy*, para a profecia *The Son of Anne Crowned will finish the Prophecies*. Para Evans, a profecia se referia não ao fim da monarquia, mas a um novo reino que iria durar para sempre. Caberia ao filho de Charles “libertá-los do poder das trevas, levá-los a Jesus Cristo, e à vida eterna” (Evans, *A voice from heaven*, p. 7)

De qualquer forma, os comentários de Lilly não eram isolados, mas se encaixavam no contexto do que diziam autores que mantinham uma postura política semelhante, e, durante o Interregno escreveram não somente contra Charles, como também contra a própria monarquia e todos os monarcas (ver Capp, *Astrology and the popular press*, pp. 78-9)

Já a mensagem de Evans, tal qual a de Vaux era não de otimismo pelo fim da monarquia, mas ressaltava a necessidade urgente de fazer algo antes que fosse tarde demais. Evans, pode-se notar, não exatamente se dirigia ao governo. Buscava envolver ativamente o *público-leitor* e compeli-lo a agir. Era necessário buscar o caminho da salvação a fim de evitar que a destruição fosse seu destino. Ele parecia, de fato, conclamar *as pessoas* a mudarem de lado enquanto era tempo, tanto do ponto de vista político quanto do ponto de vista religioso.

Reações contra o catolicismo

Ainda na década de 1640, os almanaques de John Vaux faziam clara oposição ao catolicismo. Em 1643, Vaux apresentou de modo claro a identificação Papa-Anticristo, e citou como ratificação a existência de vários autores que no passado fizeram tal identificação (Vaux, 1643, pp. 18-9).

Na década de 1650, Vaux daria continuidade à sua repulsa aberta ao catolicismo. O registro “*The building of the (sometimes) famous City of (Rome)*” fazia parte da cronologia de eventos históricos importantes, apresentada por ele no seu almanaque de 1653 (Vaux, 1653, p. 17). Além disso, na mesma cronologia, nota-se que o autor não registrou a demolição da *Cheapside Crosse*, em 2 de maio de 1643, evento esse que foi bastante lembrado nas cronologias escritas por autores da época, como Harflete, Croke e White.

Uma possível explicação para Vaux não ter registrado esse evento poderia ser sua aparente adesão à chamada “Igreja da Inglaterra”, a estabelecida por William Laud, e uma provável defesa da causa realista.⁴ Afinal, a demolição da *Cheapside Crosse* não havia sido um evento de significado exclusivamente religioso. Foi particularmente significativo para os protestantes, sobretudo para os puritanos e partidários da causa Parlamentarista. A cruz, construída no final do século XII, tinha seus nichos adornados por estátuas e foi considerada pelos puritanos uma

reliquia iconoclasta da antiga religião. Assim, caso Vaux fosse adepto da Igreja de Laud, poderia não ser favorável à destruição da cruz.

Já a reação contra o catolicismo era um aspecto bastante comum aos almanaques astrológicos da época, quaisquer que fossem as atitudes políticas dos seus autores. Permeou as publicações da década de 1650 assumindo diversas nuances. Em 1659, já às vésperas da Restauração, John Blagrave previa o surgimento na Inglaterra da maior monarquia de todos os tempos, que em sete anos (isto é, até o emblemático ano de 1666) derrotaria o Anticristo e começaria a espalhar seu domínio por toda a Terra. Blagrave especulou sobre a identidade do Anticristo, discutindo argumentos de que este poderia ser o Papa. A reação ao catolicismo é notória no almanaque (Blagrave, *Blagrave's ephemeris*, pp. [5-7]).

Ainda nos primeiros anos da década de 1650, idéias neste sentido podiam ser notadas nos escritos de Evans. Para ele, a verdadeira religião, que derrotaria o catolicismo era a Igreja da Inglaterra, que havia sido remodelada pelas direções de William Laud e Charles I. Os participantes da Igreja da Inglaterra, e não os da fé romana, eram os eleitos de Deus (Evans, *A voice from heaven*, pp. 5; 12-4). Esse era o único caminho para a salvação. Para quem estivesse de outros lados só restava mudar enquanto era possível.

Nos escritos de Evans, vêm à tona aspectos também considerados negativos por trabalhos da época, como os de Dove e mesmo os do astrólogo William Lilly. o aparecimento de outras religiões, seitas e grupos. O sentimento de repulsa a seitas transparecia inclusive em publicações do final da década de 1650. Em 1659, por exemplo, em meio às suas entusiasmadas previsões sobre o ressurgimento da monarquia, John Blagrave manifestava convicção de que a "Religião irá florescer em sua pureza, e as seitas e heresias serão mantidas nas profundezas" (*Blagrave's ephemeris*, p. [5]).

Para Evans, escrevendo de modo menos otimista, ainda no início da década, o povo continuava a sofrer por causa das divisões religiosas. Mais do que simplesmente criticar outros grupos, nota-se que o autor se opunha à tolerância religiosa, o que em alguns aspectos caracterizava a situação então em curso naquela época. Tal como nos poemas apresentados por Vaux em seu almanaque, nota-se que também para Evans o velho, tanto na forma da tradicional Igreja da Inglaterra quanto da monarquia, era o caminho da salvação; e se opunha ao novo, isto é, às seitas e à nova forma de governo.

Como comentamos anteriormente, Vaux, nas cronologias de seus almanaques demonstrava clara oposição ao catolicismo, e, além disso, alguns aspectos daquela mesma seção dos seus almanaques podem sugerir apoio ao governo monárquico. Vaux, portanto, tal como Evans, parecia não ver uma relação de proximidade entre a Igreja do governo de Charles I e a Igreja Católica Romana. Os escritos de Evans, aliás, sugeriam uma franca oposição. É interessante notar que ele não via qualquer tipo de associação entre os papistas e o governo de Charles, diferentemente do que pensava o astrólogo William Lilly. Assim, se Evans, Vaux e Lilly tinham em comum a reação contrária ao catolicismo, enquanto para os dois primeiros o antídoto era a Igreja de Laud, para o último era o puritanismo. Nesse sentido, para Evans, Charles I havia sido um mártir, pois havia morrido por aquela religião (Evans, *A voice from heaven*, p. 34).

Pode-se dizer que, nos escritos desse autor, essas considerações sobre um possível papel religioso de Charles são ampliadas e interligadas a considerações sobre as circunstâncias

políticas tendo em vista a atitude do governo em relação ao Rei. Para Evans, os partidários do Parlamento haviam cometido um erro terrível, pois teriam agido como os que mataram Jesus Cristo (*A voice from heaven*, p. 3). Em vista disso, segundo Evans, as Escrituras declaravam “a ira de Deus contra o Parlamento” (*A voice from heaven*, p. 20). Segundo ele, as Escrituras mostravam que quem se erguesse contra a verdadeira Igreja, isto é, a de Charles I, seria destruído. Parece evidente que esta era uma ameaça ao governo, já que este havia sido responsável inclusive pela execução do Arcebispo Laud.

Comentários finais

Como procuramos mostrar nesse trabalho, tanto nos almanaques astrológicos ingleses produzidos durante a Guerra Civil, como em outros escritos de modo geral, a preocupação com a proximidade do fim do mundo foi recorrente. Nessas publicações, mesmo nas que não exatamente podem ser ditas de cunho astrológico, a alusão a eventos dessa natureza era marcante tendo em vista que muitos autores acreditavam que o fim dos tempos seria sinalizado por eventos astrológicos.

A análise de fontes históricas daquele período indica que os então também comuns ataques ao catolicismo e as especulações escatológicas partiram de autores que manifestavam diferentes engajamentos políticos. De fato, essa era uma inquietação da época. O então complexo e perturbador cenário político e social parecia fomentar tais preocupações escatológicas, que, especificamente após o fim da monarquia ganharam certa nuance particular e surpreendente, a qual nos dedicamos a discutir no presente trabalho. No caso dos defensores do retorno à monarquia, como procuramos mostrar, esses temas se articularam de maneira forte e pontual à propaganda com a qual se comprometiam, isto é, à defesa da Restauração.

Agradecimento

A autora agradece à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio a esta pesquisa.

Notas

¹ Publicação anual contendo previsões meteorológicas dia-a-dia, calendários, comentários sobre eclipses e estações do ano, além de outras informações úteis como cronologias de eventos históricos, etc.

² O almanaque de Vaux para 1642, por exemplo, comentava que o fim do mundo seria próximo ao eclipse do Sol previsto para 1654. No almanaque para 1643, Vaux especifica que o fim do mundo deveria ocorrer em 1656.

³ Significativamente, a folha de rosto da edição de 1660 do almanaque de Blagrave não traz qualquer inscrição a respeito da *iminência* de uma nova monarquia que seria a maior já vista. A Restauração já havia ocorrido.

⁴ Em sua cronologia, Vaux menciona eventos relativos à família real e não registra informações sobre o novo governo e suas vitórias sobre o Príncipe Charles e os escoceses.

Bibliografia

- Blagrave, John. *Blagrave's Ephemeris for the year 1659*. London, 1658.
- Capp, Bernard. *Astrology and the Popular Press: English Almanacs 1500-1800*. London. Faber, 1979.
- Dove. *Speculum anni à partu . . . for the year of our Lord 1653*. Cambridge, 1652.
- Evans, Arise. *An Echo to the Voice from Heaven*. 1652.
- Evans, Arise. *A voice from heaven to the Commonwealth of England*. 1653.
- Hill, Christopher. *Antichrist in seventeenth century England*. London. Oxford University Press, 1971.
- Johnston, Warren. The Anglican apocalypse in Restoration England. *Journal of Ecclesiastical History* 55 (3). 467-501, July 2004.
- Lilly, William. *Monarchy or no monarchy in England*. London, 1651.

Lilly, William. *Merlini Anglici Ephemeris, for the year, 1653*. London, 1653
Vaux, John. *Vaux, 1642 a new almanacke*. London, 1642.
Vaux, John. *Vaux, 1643 a new almanack*. London, 1643
Vaux, John. *Diarium Sive Calendarium* ... 1652. London, 1652
Vaux, John. *Diarium Sive Calendarium* ... 1654. London, Company of Stationers, 1654.